



PAISAGEM CULTURAL, TOPOFILIA E TOPOFOBIA: O SIMBOLISMO NAS PRAÇAS CENTRAIS DA CIDADE DE ALFENAS - MG

Camila Turmina Baticini¹
Hanna Sayuri de Souza Chinen²
Jean Luka Fernandes Dutra³

1

Resumo

Este estudo tem como objetivo avaliar a conexão das praças centrais do município de Alfenas, Minas Gerais, com os valores simbólicos que a população atribui às mesmas, observando as formas e signos presentes nos locais, a fim de se conhecer o impacto sobre tal população.

Palavras chave: espaço-urbano; monumentos; identidade.

1. INTRODUÇÃO

O espaço urbano, enquanto categoria de análise geográfica, é composto por materialidades que podem ser analisadas por diversas dimensões. A partir da abordagem cultural do urbano, de acordo com Corrêa (2003), “amplia-se a compreensão da sociedade em termos econômicos, sociais e políticos, assim como se tornam inteligíveis as espacialidades e temporalidades expressas na cidade” contribuindo para a compreensão do processo de urbanização.

Embora haja uma longa tradição de estudos urbanos realizados pelos geógrafos, a incorporação do urbano pela geografia cultural se deu apenas a partir de meados da década de 1970. Essa incorporação tardia verificou-se no âmbito das mudanças na geografia cultural, nas quais o conceito de cultura foi redefinido e o temário, ampliado. Significado torna-se a palavra-chave em torno da qual se desenvolveram os novos estudos de geografia cultural. (CORRÊA, 2013 - B:57)

Alfenas segue a representação de um modelo comum de urbanização de cidades do XIX, dada pela localização da região da sede da Igreja Católica como um ponto de partida para a expansão urbana e para o surgimento de diversas espacialidades na medida em que a sociedade organiza seus meios de produção e modos de vida. O núcleo central, denominado Vila Formosa, comumente é definido pelas condições físicas do relevo, do ponto de vista estratégico e de viabilidade para habitações. De acordo com Corrêa (1989):

a área central constitui-se no foco principal não apenas da cidade, mas também de sua hinterlândia. Nela concentram-se as principais atividades comerciais, de serviço, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos. Ela se destaca na paisagem da cidade pela sua verticalização.

Assim, ao se pensar na região central da cidade de Alfenas, a paisagem que nos vem à mente é a da Igreja Matriz, acompanhada da Praça Getúlio Vargas, alguns prédios, a aglomeração de atividades comerciais e de serviços ao seu redor, que configuram o centro econômico e comercial. O bairro centro é caracterizado por estas atividades, influenciando diretamente toda a população, desde o âmbito central, expandido-se para o periférico e rural, por ser a sede do giro econômico da cidade e do planejamento de decisões municipais pelos órgãos políticos que ali são instalados.

A paisagem cultural, como objeto deste trabalho, será analisada no recorte espacial da três principais praças da cidade, duas localizadas no bairro centro e uma localizada na região ao redor do bairro, ambas definidas por sua importância num contexto histórico de expansão urbana e citadino. Bonduki (2010) considera as praças como “muito mais do que uma área livre, não edificada” onde “um terreno vazio não é uma praça”. As praças são caracterizadas como o berço da vida coletiva, onde

nesse ambiente indissociável – espaço público contornado por uma massa contínua de edificações –, onde as mais importantes construções da cidade foram erguidas como verdadeiras obras de arte, não por acaso floresceu a vida pública. Graças a sua função, os edifícios do entorno das praças – igrejas, palácios governamentais, casas legislativas, repartições, prestadoras de serviços públicos e casas comerciais – sempre atraíram a população de todas as classes sociais, transformando o lugar em principal ponto de referência e motivo de orgulho da cidade. (BONDUKI, 2010. P.57)

A materialidade da paisagem do espaço urbano e cultural das praças a qual buscamos, é composta pela organização da planta e do espaço ao redor, da localização geográfica, dos monumentos, ícones, toponímias e da tipologia arquitetônica das construções. Todos estes aspectos simbólicos traduzem por si só algumas representações acerca a história de Alfenas, das influências políticas locais ou nacionais e dos anseios da sociedade, considerada hierárquica ou politicamente importante, no período de consolidação da cidade.

Tomada pelo indivíduo, a paisagem é forma e aparência. Seu verdadeiro conteúdo só se revela por meio das funções sociais que lhe são constantemente atribuídas no desenrolar da história. [...] os símbolos contidos nos objetos de uma paisagem são perigosos, pois não se revelam totalmente um olhar pouco reflexivo, podendo escapar à apreensão e tornar mais eficaz a fetichização da paisagem. (LUCHIARI, Pg.13)

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Identificar na paisagem cultural das praças centrais da cidade de Alfenas, os traços e as marcas espaciais que constituem a simbologia da paisagem, agregada de valores históricos, políticos e sociais de organização do espaço urbano da região em questão.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Relacionar o processo histórico de urbanização da cidade com a criação das praças, através da análise das toponímias, do perfil das formas

arquitetônicas empregadas neste contexto e dos monumentos, realizando uma reflexão sobre as modificações sofridas na paisagem e as atuais configurações das praças.

Compreender a dicotomia de poder transcrita na paisagem, através do recorte espacial entre as praças e de relatos da população, levando em consideração o contexto econômico, social e urbano a qual cada uma está inserida, bem como a topofilia de quem por ela circula, trabalha, à visita como forma de lazer, ou que mora ao seu redor.

3. METODOLOGIA

Este artigo constitui-se de uma revisão da literatura especializada sobre os temas de paisagem cultural, topofilia e topofobia, aplicada ao simbolismo presente nas praças centrais do município de Alfenas, Minas Gerais. Foram realizadas consultas a livros e artigos que abordaram o tema da formação e composição da paisagem, a partir de monumentos, aplicados à Geografia Cultural. Quanto à técnica aplicada a este trabalho, constatou-se que os trabalhos e livros produzidos em cima do tema, estão ligados aos produzidos por Correa (2003) e Ribeiro (2007), pois os fundamentos presentes em suas obras e estudos realizados possuem diálogo próximo ao estudo deste trabalho.

Neste trabalho os instrumentos de pesquisa foram as aplicações de questionários, onde os pesquisadores tiveram participação simultânea, uma vez que houve o diálogo e a percepção das praças, a partir do relato dos entrevistados.

Esta pesquisa, em um primeiro momento, consistiu na pesquisa junto ao acervo da prefeitura do município e artigos de alunos já graduados no curso de Geografia da Universidade Federal de Alfenas, a fim de se obter maiores informações sobre o histórico destes locais e se os significados haveriam mudado com o tempo.

Deste modo a pesquisa teve sua continuidade no reconhecimento do local, a partir da aplicação de questionários, junto à população local, para que os dados de percepção da construção da paisagem obtivessem maior acurácia.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Luchiarri (2013:11) “o imaginário coletivo define a concepção social de natureza e a traduz, transformando-a em artefatos materiais e simbólicos, ou seja, em cultura”, assim, o conceito de paisagem não circunda um plano abstrato de instrumento de análise, mas compreende os aspectos de materialidade e organização territorial, dispostos pela sociedade nos diversos tipos de espacialidades em função de seus anseios e ideologias.

A paisagem é denotada pela morfologia e conotada pelo conteúdo e processo de captura e representação. A paisagem como representação resulta da apreensão do olhar do indivíduo, que, por sua vez, é condicionado por filtros fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos, e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente. A paisagem só existe a partir do indivíduo que a organiza, combina e promove arranjos de conteúdo e forma dos elementos e processo, num jogo de mosaicos. (GOMES, 2001:56)

A partir da apreensão do olhar na paisagem, o indivíduo pode sentir sensações e interpretações diversas sobre o espaço, criando algum tipo de sentido a ele, podendo então surgir o sentimento de topofilia, pelo afeto da pessoa ao lugar, ou o de topofobia, pela aversão.

Para Corrêa (2013-A:61) a identidade cultural do lugar também “pode ser objeto de contestação por meio de práticas políticas que introduzem novos significados ao lugar, criando um confronto identitário”. O sentimento é gerado pela definição de contrastes entre a identificação e a diferenciação dos aspectos, onde, quando nos identificamos acabamos considerando estes aspectos e negligenciando os de diferenciação. De acordo com Bossé (2013)

de um lado a identificação consiste, em um sentido lógico transitivo, em designar e nomear qualquer coisa ou qualquer um e, depois, em caracterizar sua singularidade. De outro lado, em um sentido intransitivo e por vezes reflexivo, [...] a identificação consiste em se assemelhar a qualquer coisa ou a qualquer um e se traduz, principalmente, tanto para o indivíduo como para o grupo, por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão sociais.

Os monumentos, segundo Corrêa (2013-A), apresentam “forte potencial para perpetuar antigas tradições, fazer parecer antigo o que é novo e

representar valores que são transmitidos como se fossem de todos”, assim, ao instalar um monumento representativo da cultura dominante, ele automaticamente impõe-se sobre toda a população, pairando sobre as classes, ditas, inferiores. Entretanto, numa situação contrária, a elite não permite, ou dificulta a instalação de monumentos que manifestem a cultura popular, uma vez que estes contestariam a homogeneidade do espaço. Esses monumentos expressam os sentimentos estéticos do momento e constituem representações materiais dos profundos processos econômicos, sociais, políticos de um período de grandes transformações (CORRÊA, 2013-A).

Dotados de alcance espacial limitado face aos modernos meios eletrônicos de comunicação, que, instantânea e simultaneamente, produzem imagens impregnadas de intenções, os monumentos têm, no entanto, um papel fundamental na criação da permanência de determinadas paisagens urbanas, impregnando lugares de valores estéticos e simbólicos.” (CORRÊA, 2013-A: 76)

5. RESULTADOS

5.1. A PRAÇA DR. EMÍLIO DA SILVEIRA E A AMBIGUIDADE LOCACIONAL

A Praça Dr. Emílio da Silveira, antiga Praça da Bandeira e comumente conhecida como “praça do terminal ou “praça do coliseu”, está localizada no centro, ao lado do terminal de ônibus circulares e em frente ao Mercado Municipal, nas proximidades da Prefeitura Municipal, Teatro Municipal, Biblioteca Municipal e outros órgãos de relevante poder para a cidade. As fotografias a seguir retratam a paisagem antigas e a atual.

O anfiteatro, rebaixado em relação ao nível da terra ao entorno, possui colunas gregas, referenciando o berço do teatro que é a própria Grécia, onde a existência do mesmo traz um conotação artística para a praça onde pode haver peças, saraus, apresentações, rodas de debate, rodas de música e outras manifestações culturais.



Fotografia 1: Praça Dr. Emílio da Silveira, na década de 1970.
Fonte: Blog Alfenas Coisa Nossa.



Fotografia 2: Praça Dr. Emílio da Silveira, em 2017.

Autora: Camila Turmina Baticini

No anfiteatro, comumente chamado como “coliseu”, há uma construção coberta que se assemelha a um coreto, porém sem elevação de piso, onde frequentemente moradores de rua passam as noites ou quando há alguma atividade cultural na praça, ele se destaca como palco.



Fotografia 2: Praça Dr. Emílio da Silveira, em 2017.
Autora: Camila Turmina Baticini



Fotografia 3: Monumento aos soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial

Autora: Camila Turmina Baticini



Fotografia 4: Monumento ao professor João Leão de Faria.

Autora: Camila Turmina Baticini

A análise geográfica dos monumentos pode estar centrada em dois focos: identidade e poder (CORRÊA, 2013-A). Há três monumentos na praça Dr. Emílio da Silveira e ambos remetem a pessoas representativas de poder ou de identidade pela elite que compunha o crescimento da cidade. A homenagem

ao professor Aprígio de Carvalho Júnior aparece assim grafada no monumento das fotografias 1 e 2: “grande pelo saber e pelo muito que transmitiu a sucessivas gerações em 40 anos de fecundo magistério, a gratidão de Alfenas” evidenciando a importância para aquela sociedade, num âmbito intelectual e educativo, como também na fotografia 4, o monumento tem grafado: “homenagem do povo de Alfenas ao professor João Leão de Faria, no ano do centenário de seu nascimento, 1983” O monumento da fotografia 2 representa a satisfação dada “aos vitoriosos expedicionários alfenenses que lutaram na Europa ao lado das Nações Unidas pela liberdade, pelo Brasil” no ocorrido da Segunda Guerra Mundial, entretanto, há uma contradição visível neste monumento pela marca de uma pichação com o símbolo anarquista, contestando assim a ordem e a política militar representada pelo monumento.

Na análise das entrevistas à população pode-se concluir que a praça Dr. Emílio da Silveira (fotografia 5) ficou numa posição intermediária quanto ao sentimento de topofilia dentre as três praças avaliadas, tanto pelos os entrevistados que estavam nela, tanto pelos das outras praças. A topofobia foi identificada pelas afirmações da grande maioria que diz só frequentar a praça por conta da necessidade de pegar o ônibus intra-urbano, reclamando da quantidade de cachorros de rua, moradores de rua e usuários de drogas que ficam na praça.



Fotografia 5: Anfiteatro da Praça Dr. Emílio da Silveira.
Fonte: Blog Alfenas Coisa Nossa.

Nenhum entrevistado nos disse que utiliza a praça para o lazer, o oposto do que disseram na Getúlio Vargas. Na verdade, a ideia de lazer nessa praça foi algo que os entrevistados consideraram muito improvável, embora o anfiteatro apresente essa possibilidade tangível e, nesse quesito, a arquitetura da praça, é considerada como a praça mais bem desenhada, embora precise de reformas. Alguns relatos interessantes falam sobre como essa praça era utilizada antigamente, para diversas festas, inclusive festas de casamento, onde o desenho arquitetônico da praça se encaixa muito bem com a festa e dava ótimos resultados, além de não haver usuários de drogas e nem moradores de rua, sendo muito mais frequentada para lazer.

Os usuários de drogas e os moradores de rua entrevistados, tão citados e julgados pelos demais, enfatizaram a falta de atividades de lazer e que não gostam da Praça Getúlio Vargas porque lá os policiais não os deixam ficar, além de ser muito mal-vistos. Há algumas atividades culturais e de lazer, como o Coliseu Cultural que realiza batalhas de rima, batalhas de poesia e demais itens que compõem a cultura hip hop, além de a praça ser palco do Encontro de Matrizes Africanas de Alfenas, evidenciando assim uma corrente da cultura popular da periferia, que se encontra nesta parte do centro, nesta

parte que mais os aceita. A localização de um monumento pode minimizar ou reverter os significados atribuídos ao lugar, estabelecendo-se uma ambiguidade locacional (CORRÊA, 2013-A), encaixando o conceito neste contexto onde a cultura popular não identifica os monumentos da cultura de elite e militar marcadas na paisagem da praça que originalmente era freqüentada pelas famílias ricas de Alfenas e hoje, pela sua popularização ao lado do terminal de ônibus e do Mercado Municipal, é freqüentada pelas classes mais baixas e por trabalhadores que vivem na periferia.

Dentre as possíveis melhorias a serem feitas na Praça Dr. Emílio da Silveira, as mais citadas foram: 1 - Abrigar os moradores de rua, os cachorros de rua e a retirar os usuários de droga; 2 - Reformar e realizar a manutenção frequentemente da praça, pois está muito abandonada e suja. 3 - Melhorar o sistema de iluminação, bem como a segurança; 4 - Promoção de atividades de lazer e festas no local.

5.4. A PRAÇA GETÚLIO VARGAS E A CULTURA HEGEMÔNICA

A Praça Getúlio Vargas está localizada no centro, rodeada pelas atividades comerciais e de serviços mais importantes da cidade, como grandes mercados, bancos, farmácias e lojas grandes e de marcas imponentes no sistema capitalista.

A praça, de formato absolutamente regular, quadrada ou retangular, piso seco, palco das manifestações públicas e festas religiosas, devia ser contornada pelos edifícios representativos dos poderes religioso e civil, reunindo a catedral, o palácio de governo e a alcaidía (sede do poder local). (BONDUKI, 2010)



Fotografia 6: Fonte, igreja e monumento da Praça Getúlio Vargas.
Fonte: Blog Alfenas Coisa Nossa.



Fotografia 7: Cerimonial de casamento na Concha Acústica.
Fonte: Blog Alfenas Coisa Nossa.

A praça, com um estilo português da era colonial, tem seus caminhos revestidos em mosaico com pedras portuguesas, possui uma fonte que traz a simbologia da água renascendo constantemente, como símbolo de abonância e fertilidade. A igreja, imponente na paisagem, traz à praça uma função cívica e de relação direta com a religião, onde há movimentos e atividades da própria igreja na área livre, como reuniões, festas e encontros, configurando um território religioso do catolicismo, de berço da elite. Entendido como reflexo de espaço vivido no cotidiano da fé, contribui para fortalecer as relações e os fluxos que se instauram pouco a pouco ao espaço que dão origem a uma identidade religiosa e a um sentimento de pertencimento (ROSENDAHL, 2013), diferentemente das manifestações religiosas que acontecem na Praça Dr.

Emílio da Silveira. A escala, assim qualificada, expressa poder e, mais que isso, pode expressar supremacia (CORRÊA, 2013-A), vista na altura das torres da igreja e no monumento à bandeira, na fotografia 8, instalado pelo Rotary Clube de Alfenas em 1970.



Fotografia 8: Vista frontal da porta da igreja e o monumento à bandeira.
Autora: Camila Turmina Baticini



Fotografia 9: Igreja, fonte e comércios ao redor da Praça Getúlio Vargas.
Autora: Camila Turmina Baticini



Fotografia 10: Concha Acústica e verticalização.

Autora: Camila Turmina Baticini



Fotografia 11: Monumento ao cónego José Carlos Martins.

Autora: Camila Turmina Baticini

Na fotografia 10 a Concha Acústica é palco de diversos shows e apresentações culturais realizadas por instituições ou por coletivos da cidade, como apresentações do Conservatório Musical, do Festival FAISCA, de sarau e comumente até serve como ponto de encontro para grupos de ciclistas. Ela também serve como abrigo para alguns moradores de rua, porém somente quando não fecham o portão, impedindo a entrada de pessoas não autorizadas, compondo a dialética do espaço público. Há um grandioso prédio logo atrás, marcando a verticalização do centro, ainda que pouca, mas contrastante com a paisagem da década de 70 na fotografia 12. O monumento representado na fotografia 11 traz grafado: “apostolo de fé e de caridade, bem feitor da terra natal” de 1925, evidenciando a territorialidade religiosa.



Fotografia 12: Praça Getúlio Vargas, na década de 1970.

Fonte: Blog Alfenas Coisa Nossa.

Na análise das entrevistas realizadas com a população, essa praça foi a mais bem avaliada, do ponto de vista topofílico, por diversos motivos. Há uma forte relação econômica construída com a praça, dada por sua localização vinculada ao centro comercial, onde boa parte dos que circulam pela praça estão ali em função das compras que foram realizar ao seu entorno, além de alguns comerciantes entrevistados citaram que a zona azul ajudou muito o comércio dos arredores, pois agora ficou mais fácil para os clientes estacionarem. Dentre as três, ela é a única praça com brinquedos para crianças, instalados aos finais de semana, o que evidencia um aspecto de lazer e atrai muitas famílias. No quesito segurança, é considerada a mais segura. Entretanto, uma moradora do redor da praça afirma que nos domingos à noite a praça fica perigosa, no linguajar dela, fica cheio de “noia”, mas apesar disso, ela ainda considera essa a mais segura dentre as três.

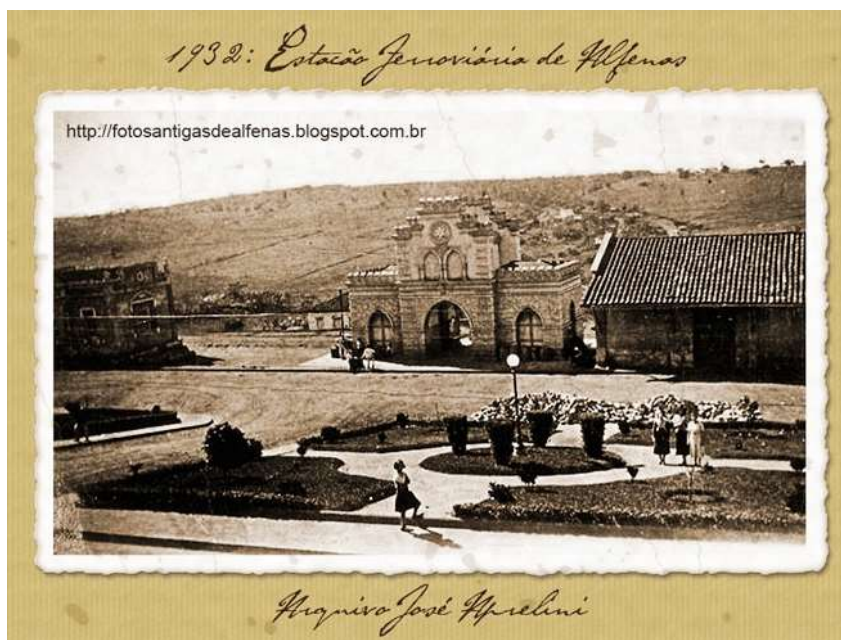
Uma questão interessante foi levantada por um morador ao dizer que antigamente, na década de 1980, a Praça Getúlio Vargas era dividida por classes sociais. A parte próxima ao antigo Clube XV era onde os ricos e brancos, a elite em geral, ficavam e na parte próxima à igreja, ficavam os pobres e a maioria negra. Ao especular com o entrevistado o porquê isso acontecia ele nos disse que no Clube XV só ia os “ricões” de Alfenas. Dentre

os entrevistados que trabalham ao redor da praça, desde gerentes de lojas até a panfleteiros, a maioria não a frequentam para lazer, somente para trabalho. Entretanto é nela que são realizadas mais atividades culturais e de lazer.

Dentre as possíveis melhorias a serem feitas na Praça Getúlio Vargas, as mais citadas foram: 1 - A volta das antigas árvores quadradas que tinham em toda a praça, elas foram cortadas para ajudar na iluminação, mas uma boa parte dos entrevistados falou que gostava como era antes; 2 - Melhorar o sistema de iluminação, apesar desta praça ser considerada a mais bem iluminada dentre as três; 3 - Recolocação da bandeira e colocação de mastros para as três bandeiras: municipal, estadual e nacional; 4 - Melhorar a infraestrutura e segurança para a recepção de turistas e da própria população.

5.5. A PRAÇA AMÁLIA ENGEL: DISPARIDADES DO PROGRESSO

A Praça Amália Engel está localizada no entorno da região central, bem circundada por residências e por alguns comércios. Como reflexo de uma escala macro a micro, após a década de 1970, a cidade de Alfenas passou por profundos processos de reestruturação territorial e de expansão espacial, influenciados pela intensa urbanização ocorrida na segunda metade do século XX no país. A malha ferroviária foi substituída pela rodoviária, fazendo a Estação Ferroviária de Alfenas perder sua função. Como retratado na paisagem das fotografias abaixo, o antigo prédio foi modificado e posteriormente tornou-se a Casa de Cultura da cidade. Não há marcas nem monumentos que indiquem a importância da antiga estação para a cidade e a Praça Amália Engel, ao lado da antiga estação, foi aos poucos ficando “esquecida” na memória cívica e da vida pública.



Fotografia 13: Estação Ferroviária de Alfenas, em 1932.
Fonte: Blog Fotos Antigas de Alfenas.



Fotografia 14: Estação Casa de Cultura de Alfenas, 2017.
Autora: Camila Turmina Baticini

A arquitetura segue o clássico padrão dos anos mil e oitocentos, denominada como arquitetura colonialista, com algumas características marcantes como o alinhamento das vias públicas e a construção nos limites laterais do terreno, ou seja, as edificações não têm recuos frontais nem laterais, sendo dispostas como que nas calçadas. A praça, comparada com a configuração atual, era pouquíssima arborizada e não possuía a estrutura elevada, como que num molde de anfiteatro ou arquibancadas que apresenta agora, visível na fotografia 15.



Fotografia 15: Interior da Praça Amália Engel, 2017.

Autora: Camila Turmina Baticini

Na análise das entrevistas realizadas com a população essa praça foi a pior avaliada, marcada por um forte sentimento de tofofobia, onde os dois principais motivos foram a falta de segurança e a falta do que fazer nela, quando indagados os entrevistados do porquê de não irem à esta praça, muitos diziam: “Ir fazer o que lá?” Essa indagação mostra claramente o abandono da praça, do ponto de vista de investimentos e incentivos por parte da prefeitura. Como explicação, foi relatado o acontecimento de muitos assaltados e a

presença de desabrigados que dormem na praça, além do frequente fluxo de pessoas que visitam a praça para realizar uso de drogas, em especial pelo fato de poucas ruas abaixo da praça haver um bairro atividades ilícitas. Os motivos, na percepção dos moradores, para estes fatos, vão desde o próprio desenho arquitetônico da praça que proporciona lugares de fácil esconderijo, a pouca iluminação, a ausência de vigília policial e o descuido com o patrimônio da praça. Outra observação importante que apareceu foi a de que a anos atrás essa praça era usada pelos jovens casais para namorar, quando alguns entrevistados nos contaram isso foi visível a topofilia que esses tinham por esse espaço e a recordação de sentimentos bons do passado, onde a praça ainda possuía um cunho de vivências públicas como retratada na fotografia 16.



Fotografia 16: População na Estação Ferroviária de Alfenas, em 1940.

Fonte: Fotos Antigas de Alfenas.

Dentre as possíveis melhorias a serem feitas na Praça Amália Engel, as mais citadas foram: 1 - Melhoria no sistema de iluminação, como unanimidade entre os entrevistados; 2 - Reformar e realizar a manutenção frequente da praça, pois há muita sujeira vinda das árvores, canteiros e bancos quebrados,

e apresenta uma aparência “desleixada”; 3 - Melhorar a segurança, a fiscalização ao uso de drogas e a criar abrigos para os moradores de rua que usam a praça como dormitório; 4 - Aumentar o número de eventos como festas, feiras e atividades culturais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado procurou compreender a construção da paisagem cultural a partir da percepção dos moradores do município, a fim de se obter a aplicabilidade dos estudos de Yi Fu Tuan sobre as relações de topofilia e topofobia.

A diferenciação identitária é nítida, pois de um lado um contexto da cidade é marcado pela praça coliseu, onde há a ocupação do espaço por moradores em condição de rua e usuários de drogas. De outro, com a praça Getúlio Vargas institui-se um marco de cultura dominante, considerada superior, tanto pela ocupação atual, quanto por seu histórico segregacionista datado da década de 1960.

Apesar de constituírem espaços públicos, a diferenciação das paisagens é claramente percebida, tanto visualmente, quanto a partir das entrevistas e questionários realizados.

Desta forma, os estudos realizados podem servir como parâmetro para trabalhos futuros e melhor explicação das diferenças na construção da paisagem cultural, aplicados em uma escala local, a fim de melhor se compreender como os monumentos e signos são aplicados e estudados nos diversos eixos da Geografia.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alcionor Pazatto. **A percepção da paisagem urbana de Santa Maria/RS e os sentimentos de topofilia e topofobia de seus moradores.** Dissertação de mestrado em geografia da Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

BONDUKI, Nabil. **Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos.** Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta, 2010.

BOSSÉ, M. L. As questões de identidade em geografia cultural - algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Geografia Cultural: uma antologia, volume II.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. A geografia cultural e o urbano. p.167-186. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) **Introdução à geografia cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. Monumentos, política e espaço. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Geografia Cultural: uma antologia, volume II.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013 - A.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** São Paulo: Editora Ática S.A., 1989.

CORRÊA, Roberto Lobato. O urbano e a cultura: alguns estudos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Geografia Cultural: uma antologia, volume II.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013 - B.

FERNANDEZ, Gabriela Rodriguez. A cidade como foco da imaginação distópica: literatura, espaço e controle. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Geografia Cultural: uma antologia, volume II.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

GOMES, E. T. A. Natureza e cultura - representação na paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LUCHIARI, M. T. D. P. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

ROSENDAHL, Zeny. Os caminhos da construção teórica: ratificando a exemplificando as relações entre espaço e religião. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Geografia Cultural: uma antologia, volume II**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

Alfenas Coisa Nossa. Blog - Acessado em: 13 de junho de 2017. Disponível em: <<http://alfenascoisanossa.blogspot.com.br/2011/12/praca-getulio-vargas.html>>

Fotos Antigas de Alfenas. Blog - Acessado em: 13 de junho de 2017. Disponível em: <<http://fotosantigasdealfenas.blogspot.com.br/search/label/Pra%C3%A7as>>